

DE Brasília, monumento mundial

Josué Montello

Há momentos decisivos, na vida de cada um de nós, em que, de repente, somos levados a crer que o impulso a que obedecemos faz parte de nosso instinto. Não é a razão que nos impele, com os seus cuidados e as suas conveniências, porém algo que independe dela, e lhe passa à frente, e a domina, e a suplanta, impondo-se ao rigor de nossa natureza.

Algumas vezes, ao longo de minha vida prudente, tenho experimentado a eclosão dessa energia instantânea, que parecia fazer, ignorada, no subsolo de minha consciência, e veio subitamente à tona, decidindo por mim o que eu devia fazer.

Há poucos dias, em Paris, por ocasião do debate em torno da inclusão de Brasília entre os monumentos representativos da humanidade, na categoria de primeiro bem moderno, senti que essa força subterrânea tomou conta de mim, no momento adequado, e foi ela que me levou a erguer o dedo impaciente, pedindo a palavra.

A história do tombamento de Brasília, pleiteado há dois anos pelo governador José Aparecido, tinha de constituir uma corrida de obstáculos, dada a singularidade de que se revestia. Até então, entre as obras representativas da humanidade, figuravam as que, oriundas do passado, continuaram a ter, no presente, a consagração das admirações irrestritas, a que se associavam os chamados bens naturais, que devem igualmente ser preservados, quer por seu valor histórico, quer por sua significação peculiar, e que, postos sob a vigilância da comunidade internacional, terão com isto uma razão a mais para a sua adequada e merecida conservação.

Ora, Brasília, inaugurada em 1960, é contemporânea demais para que a julgemos enraizada no tempo, como obra do passado. Muitos de nós guardam a memória do espaço vazio onde é, hoje, a cidade. Eu ali estive quando era ainda o cerrado, com a sua paisagem de árvores baixas e torcidas, sem cantos de passarinho. Vi depois a cidade nascendo, por entre o protesto do vento, que erguia do chão a poeira vermelha e armava lá adiante o seu remoinho, como a rebelar-se contra a invasão das máquinas que sacudiam a solidão e o silêncio do Planalto Central. Vi, por fim, a inauguração da cidade, tendo colaborado com Haekel Tavares e Chianca de Garcia, na realização do espetáculo que encerrou essa inauguração, e de que o presidente Kubitschek nos daria notícia no segundo volume de suas Memórias.

A Nova Capital, sonho de sucessivas gerações, só foi possível, no plano da realização objetiva, porque quatro homens se reuniram, no mesmo corte de tempo, animados do mesmo propósito: o presidente Kubitschek, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Israel Pinheiro. Acrescente-se: Burle Marx, responsável pelo verde que lá existe como obra de arte natural.

Israel Pinheiro, com a experiência de Belo Horizonte na memória, seria o executor pragmático. Estou a vê-lo no meu gabinete, no Palácio do Catete, instando comigo para apressar o processo de pagamento dos primeiros duodécimos destinados à construção de Brasília. Eu próprio me sentei à máquina, à falta de uma secretária no momento, e redigi o parecer indispensável, que ele e eu levamos ao presidente, para que fosse o ponto de partida da obra gigantesca.

Não me posso esquecer de que, ao visitar Brasília, na fase da construção da cidade, em companhia do escritor português João Gaspar Simões, pude testemunhar, em plena madrugada, os operários cantando, para afugentar o sono e emendar o dia e a noite, a fim de dar celeridade ao nascimento da Nova Capital.



Comentei esse fato com o presidente, e tive de pô-lo no papel, no discurso que ele a seguir proferiu, sobre Brasília. Se recordo o episódio, na oportunidade deste comentário, é para dizer o quanto a cidade está associada ao meu mundo de emoções pessoais.

Por isso, ao receber instruções do Itamarati para levar adiante a proposta do governador José Aparecido, nada mais fiz do que identificar-me com uma causa que também já era minha. Causa que correspondia ao remate internacional da obra do presidente Kubitschek.

Alertado pelos obstáculos que se ergueriam em nosso caminho, graças à vigilância de Augusto Silva Teles, no Brasil, e do então ministro Luís Felipe Seixas Correia, em Paris, na minha delegação, pude reunir-me com o governador José Aparecido e com Oscar Niemeyer, em Brasília, para as opções que se faziam necessárias, no plano da preservação urbanística da cidade. Niemeyer selecionou o que lhe pareceu indispensável: o Eixo Rodoviário, a Praça dos Três Poderes, os Palácios, de tal modo que a cidade, no seu plano básico e nas suas realizações mais importantes, pudesse sobrepair à fantasia de seus futuros responsáveis, como unidade e como obra de arte.

Em Paris, no Icomos, órgão não-governamental da maior importância, e em que se debatem os problemas relativos aos bens culturais a serem tombados, pudemos contar com numerosos aliados, entre eles o dr. Léon Pressouyre, que seria o relator da proposta brasileira, na oportunidade de seu debate.

Sucessor do ministro Luís Felipe Seixas Correia, como meu colaborador imediato na delegação do Brasil, o ministro Luís Felipe Macedo Soares soube ser o vigilante defensor de nossa proposta, na linha de orientação que lhe tracei, e contando com a assessoria de outros excelentes diplomatas, que comigo trabalham, nomeadamente os conselheiros Sérgio Florêncio e João Carlos de Souza Gomes.

Quando Osvaldo Peralva, secretário do governador José Aparecido, chegou a Paris, para acompanhar nas reuniões do Comitê do Patrimônio Mundial, o debate do processo de Brasília, só lhe fiz uma recomendação:

— Fique quieto, e fale o menos possível.

Realmente, em certos debates, por vezes o silêncio é mais eloquente que a palavra. E se a palavra se faz imprescindível, cumpre que sigamos à risca a recomendação de Verlaine, quando mandava que, na ocasião adequada, tivéssemos o cuidado de torcer o pescoço da eloquência.

Depois de projetado o pequeno filme sobre Brasília, por entre os comentários do dr. Léon Pressouyre, o processo seguiria a sua tramitação natural, com exposições e debates de ordem técnica.

Por isso, finda a projeção, pediu a palavra o representante dos Estados Unidos, que se achava por trás de mim, e impugnou a proposta brasileira. Parecia-lhe cedo demais para a iniciativa.

Quando dei por mim, já eu estava respondendo a essa objeção. Poderia fazê-lo com os elementos técnicos que instruí o processo. Mas não foi isso que fiz. Toda a emoção acumulada em mim, ao longo do testemunho de formação de Brasília, e a que naturalmente se associava a consciência da significação do grande empreendimento do presidente Kubitschek, saltou-me da boca, com veemência, como se a língua alheia fosse minha própria língua, na vivacidade com que demonstrei ser Brasília, ao contrário dos outros monumentos tombados, não uma obra do passado, reconhecida e avalizada pelo presente, mas uma obra do presente, que se entregava ao futuro, como uma das mais expressivas manifestações da criatividade brasileira. Obra consciente, realizada na plenitude do processo democrático, e ponto de partida da transformação do Brasil, como realidade social, cultural e política.

E o certo, meus amigos, é que, tendo entrado pelo caminho errado, quando o certo seria o caminho técnico, na ordem do debate diplomático, acabei acertando, por força de minha emoção. Talvez que, pelo caminho certo, eu acabasse por perder a causa por que me batia.